

PRODUÇÃO IMAGÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES POSSÍVEIS A PARTIR DOS OLHARES DAS CRIANÇAS

IMAGE PRODUCTION IN CHILDHOOD EDUCATION: POSSIBLE PERCEPTIONS FROM THE EYES OF CHILDREN

Manassés Vieira de Moura¹ – UNESP
Eliane Patrícia Grandini Serrano² – UNESP

Resumo

O Grafismo infantil vai muito além do que as garatujas que, muitas vezes, nos saltam aos olhos. Entender sobre a produção imagética das crianças é entender que a mesma possui dentro de si necessidades que precisam ser sanadas, seja necessidades estéticas, experimentais, entre outras. Desse modo faz-se necessário que o docente trabalhe determinadas atividades com as crianças a fim de resolver suas necessidades e exercitar questões motoras e ampliar o repertório imagético das mesmas. Nesse sentido, esse relato de experiência conta sobre uma atividade realizada em algumas escolas, visando mostrar como as crianças interpretam o ambiente escolar em que estão inseridas e como as mesmas expressam isso através de produções imagéticas. Em um levantamento Bibliográfico foram usados autores como Rosa Iavelberg (2013), Edith Derdyk (2020), Paulo Freire (2014), entre outros.

Palavras-chave: Ensino Infantil; Produção imagética; produção imagética infantil; Grafismo infantil.

Abstract

Children's graphics go far beyond the scribbles that often catch our eyes. Understanding children's image production means understanding that they have needs within themselves that need to be addressed, whether aesthetic or experimental needs, among others. Therefore, it is necessary for the teacher to work on certain activities with children in order to resolve their needs and exercise motor issues and expand their imagery repertoire. In this sense, this experience report tells about an activity carried out in some schools, aiming to show how children interpret the school environment in which they are inserted and how they express this through image productions. In a bibliographic survey, authors such as Rosa Iavelberg (2013), Edith Derdyk (2020), Paulo Freire (2014), among others, were used.

Keywords: Kindergarten; Image production; children's image production; Children's graphics.

¹ Discente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, cursando o 7º semestre de Licenciatura em Artes Visuais, Bauru-SP. <http://lattes.cnpq.br/3995941500787148>.

² Graduada em Educação Artística Habilitação em Artes Plásticas (1990) e mestrado em Projeto, Arte e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997), doutorado em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). <http://lattes.cnpq.br/4310738314179496>.

Introdução

O contexto educacional, através do ambiente escolar, está em constante transformação devido ao desenvolvimento da sociedade e das tecnologias. Se pensarmos a educação enquanto emancipadora de sujeitos, conforme nos mostra Paulo Freire (2014) ao apontar a importância de garantir a autonomia dos educandos, percebe-se a necessidade de propor práticas que deixem as crianças no começo de sua vida docente livres para produzir e se expressar, sendo dever do docente respeitar a curiosidade do educando, gosto estético, inquietude, linguagem e etc.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) aponta que a aprendizagem para a arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores, por isso, Toome e Straioto (2018) justificam a presença das artes visuais na educação infantil partindo do ponto em que elas são linguagens importantes de expressão e comunicação humanas.

Fundamentação Teórica e Objetivos

Desse ponto, olhamos para os desenhos como a prática que se inicia na educação infantil e possibilita novas experiências simbólicas que expandem a imaginação, a expressão e a capacidade criadora (IAVELBERG, 2013). Percebe-se, portanto, que a “linguagem possui perspectivas amplas, envolvendo não só questões da linguagem verbal, ou seja, a comunicação através de palavras, mas também questões que envolvem a linguagem visual – a comunicação através de imagens” (MOTA, 2017, p. 16).

Ao entender que é possível desenvolver novos estudos sobre a percepção das crianças a partir de suas interações com o ambiente escolar e suas produções de sentidos através das imagens pelos desenhos, a fotografia, entre outros meios imagéticos, essa pesquisa se inicia com o levantamento bibliográfico para dialogar sobre a importância do ensino das artes para o ensino infantil e revisitar o conceito de autonomia da criança.

No segundo momento, pretende-se acompanhar crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos e 11 meses do ensino infantil de uma escola pública do município de Bauru/SP, a fim de compreender suas percepções, através da

abordagem triangular, nas interações com as produções imagéticas representadas pelos desenhos e a fotografia.

Para conseguir atender aos objetivos da pesquisa, optou-se por analisar de que forma estas crianças e suas produções se relacionam com o ambiente escolar, ao mesmo tempo que verificamos como essas expressões contribuem para a prática pedagógica, onde será posto a criação de imagens, através do desenho e/ou da fotografia, de modo que representem os ambientes escolares nos quais elas estão inseridas, respeitando a autonomia do educando.

Relato de experiência

Em um primeiro momento a seleção de escolas onde a pesquisa seria aplicada se deu pela divulgação da mesma através de grupos de extensões onde alunos da graduação e docentes do município trabalham juntos. Ao haver interesse do docente ou da coordenação da escola na aplicação, foram, então, levados a diante as atividades. Três escolas diferentes participaram da pesquisa, sendo aplicada em duas escolas em apenas uma turma. Na terceira escola a diretora pediu para que a pesquisa fosse aplicada em todas as turmas. O número de alunos por turma varia de 12 a 15 crianças.

Em sua maioria, as escolas atendem estudantes com condições socioeconômicas de classe média, seja baixa ou alta, e possuem um amplo espaço verde. Todas as escolas possuem parquinhos adaptados por idade e também apresentam um espaço de horta, onde as próprias crianças, com o auxílio da professora, plantam e cuidam.

Em um dos locais onde a pesquisa foi realizada, o espaço verde é sinalizado. Todas as árvores possuem uma placa indicando seu nome popular, sendo, em sua maioria, árvores frutíferas. Há também o jardim sensorial, onde as crianças conseguem caminhar por meio dele, trabalhando com os sentidos do tato e olfato. Nesse mesmo espaço também havia o jardim sonoro, onde os estudantes trouxeram materiais recicláveis, ou que já não usavam mais, que foram transformados em instrumentos musicais, como chocalhos, tambores e afins.

Todas as escolas trabalham bastante com o lúdico, sendo evidenciado pelas atividades realizadas anteriormente e pelas paredes dos prédios com pinturas ou exposições de desenhos feitos pelos alunos.

Em uma conversa realizada com os docentes sobre os seus estudantes, é possível perceber que o perfil deles é bem variado. Em alguns casos, algumas crianças vinham de outros países e ainda não conseguiam se comunicar muito bem em português com os colegas de classe e, em outros, tinham acabado de ingressar na escola e ainda não tinham trabalhado tanto com o desenho, apresentando estágios mais primários de representação gráfica.

Antes de começarmos a produção gráfica, as turmas foram levadas em um passeio pela sua respectiva escola, onde cada criança ia falando que parte era aquela, o que era feito ali e se ela gostava ou não daquela parte, fazendo um paralelo à “leitura”. Quando perguntado em coletivo, as crianças normalmente tinham respostas iguais, de efeito manada. Quando perguntado no individual, as respostas vinham mais autênticas. Em sua maioria, o ambiente mais preferido dos estudantes do ensino infantil, é, de longe, o parquinho. Seguido pela merenda e pela sala de aula.

Em algumas turmas, durante o passeio pelo ambiente escolar, alguns alunos foram coletando folhas que encontravam pelo chão. Um passo muito curioso de se analisar, pois essas folhas foram usadas posteriormente para a confecção do desenho. Em outra escola, alguns alunos perguntaram se podiam tirar foto dos brinquedos que mais gostavam de brincar. O registro foi realizado. As fotos foram impressas e também foram usadas para colagem no desenho.

Como “contextualização”, foi realizada uma roda de conversa com os alunos no final do passeio pela escola, para relembrar os lugares levantados pelos alunos, para o que esses lugares serviam e o que eles mais gostavam de fazer lá. É importante pontuar que, na maioria das vezes, o docente precisava reforçar para o que cada lugar servia, principalmente quando os locais eram complexos, como as hortas, onde haviam diversos tipos de plantas, ou o parquinho, com diversos tipos de brinquedos diferentes.

Para o “fazer artístico”, a escolha de materiais foi discutida entre o pesquisador e o docente responsável pela turma em questão, a fim selecionar materiais que os alunos já estivessem mais familiarizados. Em algumas turmas foi usado apenas tinta guache, em outras, tinta guache e canetinha, giz de cera, lápis de cor, glitter, cola, pincéis. A produção foi realizada em um papel kraft, onde os estudantes foram separados em grupos para trabalharem em conjunto.

Fig 1 – Desenho feito com lápis e giz de cera.



Fonte: do acervo do pesquisador.

Na imagem acima, os estudantes desenharam no chão, usando lápis e giz de cera e foram divididos em grupos. Cada criança desenhava da forma que achava mais confortável, seja deitada, seja sentada. Às vezes, o foco do desenho se perdia e eles começavam a discutir entre si para saber quem ia usar tal cor de lápis ou giz, sendo necessário a intervenção do docente ou do pesquisador. Também ocorreu, em poucos casos, de algum colega rabiscar o desenho do outro, ou querer usar um espaço maior do que o possível, também sendo necessário o intermédio de algum responsável para apaziguar a briga.

Em casos em que se foi trabalhado com tinta guache, os estudantes eram mais novos, com cerca de dois ou três anos. Foi interessante ver que, nessa idade, a atividade foi muito mais sobre experienciar. A tinta foi manuseada com as mãos, sem uso de pincéis. Não somente a folha foi pintada, como também a mesa, o banco, os braços e as roupas. Nessa turma alguns chegaram a colar folhas em seus desenhos, outros pintaram as folhas e galhos que recolheram pelo caminho.

Devido a idade, não é possível cobrar figuras claras dos desenhos das crianças, pois isso não se mostra interessante para a mesma, “a criança rabisca pelo prazer de rabiscar, [...] o grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico” (Derdyk, 2020, p. 63) tendo sido constatado pelo pesquisador ao perguntar, algumas vezes, o que elas estavam reproduzindo: a resposta variava, o que na primeira vez era um leão, se tornava uma girafa na

segunda vez que a pergunta era feita, para enfim se transformar em alguma outra coisa na terceira vez. A atividade foi mais sobre espalhar a tinta pelo papel (e não só pelo papel, mas pelos braços, pela mesa, pelo banco), misturar as cores e colorir os galhos e as folhas que foram coletadas durante o percurso.

Fig 2 e 3 – Desenhos com tinta e colagens de folhas.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Fig 4 e 5 – Banco e mesa sujos.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Nas turmas onde foi realizado a colagem de foto, a professora comentou que gosta bastante de trabalhar fotografia e colagem com as crianças. Por já estarem acostumados, então, a proposta das fotos veio dos próprios estudantes. Houve alguns casos repetidos de outras turmas, como por exemplo, a discussão sobre o uso dos materiais entre os estudantes e a evasão das margens do papel na hora de utilizar a tinta e o glitter. Segundo Derdyk “o desenho também é manifestação da inteligência. A criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade.” (2020, p. 59) sendo possível constatar isso em um dos casos, onde uma das crianças desenhou um dos seus brinquedos preferidos visto por um outro ângulo – visto de cima, um ângulo cujo

o mesmo, provavelmente, nunca o viu. Foi interessante constatar como o conceito de ângulos e formas trabalharam em conjunto com a criatividade para que ele conseguisse chegar no formato exato que o objeto possui ao ser visto por cima.

Fig 6 – Desenho do brinquedo visto de cima.



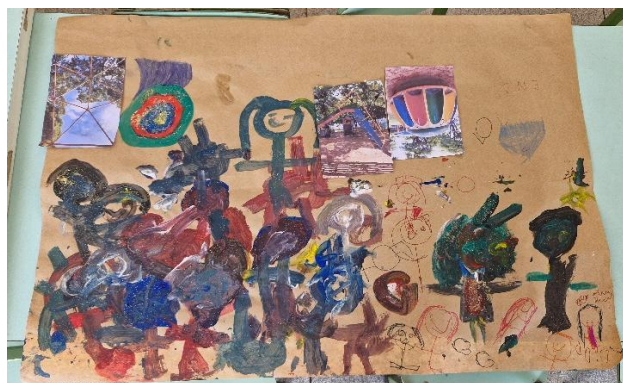
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Fig 7 – Desenhos feitos pelos alunos utilizando tinta, canetinha, lápis de cor e glitter.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Fig 8 – Desenho dos alunos.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Considerações finais

O desenho é uma prática que, segundo Edith Derdyk (2020), vem do imaginário, assim como as demais linguagens expressivas. É de suma importância que os adultos entendam que “A criança é extremamente fiel às necessidades de seu sistema nervoso e às suas necessidades existenciais, o que confere um tom de veracidade a todos os seus gestos.” (Derdyk, 2020, p. 57) Tendo isso em mente, se faz necessário o trabalho de não projetar as nossas próprias imagens de infância ao interpretar as produções infantis.

Sendo o desenho uma manifestação da inteligência (Derdyk, 2020) é interessante que o docente também trabalhe outras questões como colagem, fotografia, texturas, para que as crianças tenham um repertório visual e sensorial rico, expressando esses conhecimentos de forma autônoma em suas produções. A partir disso, entende-se as produções imagéticas infantis ricas, sendo um meio da criança manifestar seus aprendizados e sentimentos de forma que faça sentido para a mesma, porém é importante ter em mente que, nem sempre, a produção da criança estará ligada a isso, mas a outros interesses como experimentações e etc.

Referências

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos; CUNHA, Fernanda Pereira da. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 mai. 2023.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3 São Paulo: Panda Educação, 2020

IABELBERG, Rosa. **Desenho na Educação Infantil**. 1. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013. v. 1. 143p

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MOTA, Marina de Lira Pessoa. **A leitura de imagens para produção de narrativas: um estudo de um artefato para produção textual**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

TOOME, Luci Araújo dos Santos; STRAIOTO, Joana de Oliveira. A importância da arte na educação infantil. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, v. 1, n. 21, p. 267-280, 2018.